

Major Hypolito Boiteux

Nova Trento

O OLHO



FLORIANOPOLIS 7 DE MAIO DE 1916

REPRESA--Morro do Asopra

„O OLHO”
Semanario Illustrado
 Redacção--Administração--Officinas--RUA TENENTE SILVEIRA N. 7
Edmundo Silveira e Dario Gouvêa
 DIRECTORES

CAPITAL {Anno {Semestre	ASSIGNATURAS	INTERIOR {Anno. {Semestre.
15\$000	400 Rs.	18\$000
8\$000		10\$000
NUMERO AVULSO	ANNUNCIOS	ATRAZADO 500 Rs.
pagina a 3 cores	1/2 pagina a 3 cores	
" " 2 " e cliche	" " 2 " e cliche	18\$000
" " 1 " e cliche	" " 1 " e cliche	15\$000
simples com vinhetas	simples com vinhetas	12\$000
Os annuncios gosarão dos seguintes abatimentos:	2 mezes 5 l., 6 mezes 15 l. e	8\$000
permanente 25 l.		

São considerados nossos assignantes todas as pessoas que não devolve-ram o primeiro numero. A cobrança de assignaturas será iniciada após a distribuição do presente numero.

Só publicaremos annuncios em papel assetinado si os srs. annunciantes se sujeitarem ao pagamento da differença do preço do papel.



SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 7 de Maio de 1916

NUM. 5

Chroniqueta

Flamma-Rion, o bello chronista das Impressões Semanaes! adoeceu, privando, por esse motivo, os nossos leitores, este numero, da sua prosa agradável e cheia de encantos.

Substituí-lo é cousa difficil para nós que somos baldos de *humour* e de *savoir dire*.

Em todo o caso iremos rebuscar nos dias que se passaram qualquer acontecimento mais notavel afim de enchermos algumas tiras para o completo dessa pagina.

A semana iniciou-se com uma data bastante grata aos nossos corações de artistas---a da Glorificação do Trabalho.

Infelizmente, porem, o nosso operariado ainda não reconheceu o quanto vale no seio da sociedade hodierna e deixou passar no mais criminoso olvido o 1 de Maio, que recorda um facto extraordinario para o operariado universal.

Outra data tambem gloriosa que se commemorou na semana que findou foi a do descobrimento do Brazil e que teve sua consagração nas bellissimas festas promovidas pelos grupos escolares.

Foram deslumbrantissimas essas homenagens prestadas pelos jovens collegiaes que, possuidos de justo entusiasmo, entoaram canticos patrioticos, canticos que despertavam nas suas almas infantis o amor por essa grande Patria, que queremos vel-a forte e poderosa.

Si a nossa alma se emocionou perante esse culto de amor à Patria, reflêxo da obra ingente da reforma da nossa Instrucção Publica que o espirito clarividente do sr. coronel Vidal Ramos antevio como o melhor percursor para o desenvolvimento da nossa nacionalidade, menos emocionada não ficou ante a grandeza da 2a parte dos programmas que era dedicada às aves.

Como nos sentimos bem vindo aquella creançoda garrula, a transbordar de contentamento, a dar, entre recitativos e hymnos, liberdade aos passaros que a maldade humana os havia engaiolados.

E assim sob essas emoções gratas e boas nos retiramos dos grupos confados de que essa geração que se vai formando, sob tão bellos auspicios, que vai aprendendo entre flores e risos a amar a Patria, saberá levantar o Brasil da apathia e do cahos que os maus brasileiros e os politiqueiros sem criterio o arrastaram.

E como a semana era de consagrações tivemos no dia immediato o anniversario do Chefe do Poder Executivo do Estado.

O exmo. sr. dr. Felipe Schmidt completou 56 annos de idade.

S. exa. recebeu os cumprimentos de seus amigos affectuosos e os abraços sinceros das pessoas que lhe são caras, com as saudações de cortezias ao governador anniversariante.

A noite houve recepção em palacio correndo as dansas na maior cordialidade até a 1 hora da manhã seguinte.

S. exa. é bem digno das demonstrações de estima que recebeu, pois, alem de ser um administrador criterioso e honesto que governa a nau do Estado como um timoneiro seguro e experimentado, é o defensor integerrimo dos nossos direitos na velha questão de limites com o Paraná e é em S. Exa. que o povo catharinense deposita as suas esperanças para que o secular litigio tenha o seu termino pela execução da sentença do mais alto Tribunal do Paiz.

E assim com musica e flores terminou a semana e o pobre chronista desobrigou-se, mal é bem verdade, de substituir *Flamma-Rion*, que, restabelecido como se acha, na proxima semana deliciará os gentis leitores com a sua prosa agradável e cheia de encantos.

SANCHO



SENADOR

Dr. Hercilio P. da Luz

DR. FELIPPE SCHMIDT



O exmo sr. dr. Felipe Schmidt, que, com elevado critério e honestidade, dirige os destinos do nosso Estado teve, em 4 do corrente, data do seu anniversario natalicio, a grata opportunidadade de auferir do gráo de estima de que gosa entre os seus amigos e jurisdicionados.

Assim é que representantes de todas as classes sociaes affluiram a palacio para saudar a S. Exa, tendo o funcionalismo publico estadual, por intermedio do sr dr. Fulvio Aducci, Secretario Geral, offerecido o retrato de S. Exa. que foi collocado no salão de despachos de Palacio.

O Olho, que reconhece em o sr. dr. Felipe Schmidt, um caracter impoluto e um administrador honesto, sente-se bem em manifestar a S. Exa. as suas sinceras saudações com os votos que faz a Deus pela felicidade pessoal de S. Exa.

GRUPOS ESCOLARES

Lauro Muller e Silveira de Souza

Deslumbrantes e significativas as festas com que os Grupos Escolares Lauro Muller e Silveira de Souza inauguraram os retratos dos seus patronos e commemoraram a descoberta do Brasil.

E' nos grato registrar estas victorias da instrucção em S. Catharina, pois, sobre ser um modo digno de apparecermos lá fora, vemos que, entre nós, se está formando uma geração educada e forte, prompta para corrigir, os desmandos dos nossos maiores. Foram umas festinhas modestas, sem apparatus das grandes solemnidades.

Hymnos, poesias patrioticas, cantos e gymnastica, tendo sido muito bem desempenhada pela meninada intelligente dos dois grupos,

A parte dos programmas dedicada ás aves foi de um encanto extraordinario.

Estiveram presentes os srs. dr. Fulvio Aducci, Secretario Geral, Orestes Guimarães, inspector geral do ensino e Joê Collaço, official de gabinete alem de muitas familias.

A's directoras dos grupos DD. Beatriz de Souza Brito e Sybilla Haberbeck e aos respectivos corpos docentes O OLHO apresenta calorosos parabens.

Pelos lares

Ao nosso presado collaborador e distincto belletrista patricio Laercio Caldeiro e á sua exma. esposa levamos as nossas felicitações pelo nascimento de seu interessante filhinho Eldo.

O OLHO



Fonte desejada

*Na sua bocca ha vagos marulhejos
De violinos vibrados na quietude
Abençoada e sã dos lugarejos,
Onde tudo palpita de saude!*

*Na sua bocca a flôr-de-liz dos be'jos
Espalha o polen de ouro da virtude,
E pairam meigos, diaphanos adejos
De risos que jámais contal-os pude.*

*Com a doçura dos dourados favos
A sua bôcca embriaga e faz escravos
Os rudes corações, por mais insanos!*

*Ah! fonte de agua limpida e corrente,
Pa a matar a sêde impenitente,
N'uma jornada de esquecidos annos!...*

Arajuo Figueredo

"O Olho" em Blumenau



Director e corpo docente do Grupo Escolar Luiz Delfino

O Suicidio

O meu amigo Anselmo Paiva, numa adusta tarde de Dezembro, friamente, fleugmaticamente, suicidou-se. Mal o aço do bisturi rasgara uma veia grossa e entumescida do pulso forte, elle escreveu: «A vida tem-me corrido as maravilhas; quasi me considero um feliz. Tenho paz de consciencia, saúde rija, dinheiro a rodo, e tudo mais que possa fazer a felicidade dum espirito mesquinho. Viajei muito, corri mundo, tive interessantes aventuras d'amor. A's mulheres eu fazia caricias e ofuscava com o brilho do meu ouro.

Nenhuma resistiu. Entregavam-se aos poucos, com uma resistencia estudada.

Senti as sensações que se podem sentir, vivendo. Faltava-me a da marcha lenta e cadenciada para a Morte.

Fugi ao suicidio nos meus momentos de tristeza. Seria uma covardia fugir a desgraça.

Esperava, ansioso, uma hora de calma, de paz, completa, absoluta. Estudei os meios para por termo à vida. Um tiro no cerebro, fazendo rebentar a caveira e a massa encephalica brotar aos borbotões, pela fresta da bala. Seria a morte rapida, instantanea.

Não teria uma sensação nova. Era burguez. A cocaina, a morphina, a strichinina, todo um laboratorio macabro de chimica mortifera. Repelli. Não seria lá muito elegante e artistico, uma morte as convulsões, estrebuchando, morrendo em espiraes. Considerei, reflecti, procurei nos livros, uma maneira de morrer dignamente, aos poucos, encarando a Morte com um risinho de escarneo. Lia ansiosamente, sotregamente, a espera do momento de paz tão desejado. Resolvi abrir uma veia.

Comprei na-pharmacia fronteira, um bisturi afiadissimo, reluzente. Internei-me no meu gabinete. Passei o dedo sobre o fio, experimentando. Eriçou-me de leve a pelle do pollegar. Optimamente afiado, esplendido.

Accendi o cigarro, assobiando uma area brejeira. Um raio de sol, coando-se por entre as venezianas, batendo na lamina reflectiu nos meus olhos, encommoandome. Estava calmo, muito calmo, longe do mundo, fóra de mim mesmo.

Passei a cuidar da «toilette». Vesti-me todo de preto, prompto para morrer. Ainda retoquei o laço a gravata, procurando a veia, senti latejar fortes sob o indicador. Uma dorsinha fina e um esguicho de sangue quente, rubro, vivo, salpicou-me o rosto. Mal posso escrever; a minha meza e um mar de sangue e eu vou ficando muito branco, pallido, cada-verico. Ainda estou calmo.

Não me arrependo nem temo morrer. Tenho a sensação de ter andado muito, muito e uma dor muda no corpo todo. E a vida corre tão alegre lá fóra; gritos de pregões que me entram janella a dentro, bimbalar de bonds e um sol poente esplendido, arroxeados.

Da vida, enfim, o peor mal é ter nascido. O tumulto é a morada da ventura. Lucta, dor, desgraça.

A Vida! A Vida, poeta, é tão pesada Como o madeiro em que expirou Jesus.

Enfim sempre é melhor morrer.

A sensação indescriptivel do ignoto, o conhecimento do invizível, do valor das religiões, das sciencias, das couzas mortas, de tudo. Sinto um pezo horrível na cabeça. Estou fraco, exausto, banhado em sangue que começa a correr menos forte. Uma nuvem escura passou-me pela vista... a vertigem... a morte...

E' tudo que resta do meu amigo Anselmo Paiva, que se suicidou numa adusta tarde de Dezembro, calmamente, premeditadamente.

Alberto BARBOSA

EM FLAGRANTE



Sahida das alumnas e professora D. Maria Salles da Silva, da Escola Normal

Trepações

Desde que Mlle. partiu, a velha planta amiga das noites alegres emmudeceu, entristeceu e lá está atirada a um canto, carunchosa, melancólica... Não mais a alma do artista, feita som, quebra o silencio dorido dos luars brancos desta bôa ilha. Era que a alma da planta vivia nos dois olhos escuros de Mlle., que se foi e que não volta mais. E tão triste fim teve aquelle amor que vivia do doce som do magico instrumento e doiradas esperanças fugidias.

* *

Aquellas boas cartas d'amôr que, todas as semanas, Mlle. recebia muito alegre da mão do carteiro, inda fazem, na doce saudade da affeição passada, a doçura das horas de lazeres de Mlle. A ultima, a mais carinhosa e boa, e que Mlle. ja tem decôr, tem um trechosinho assim :

«... resta-me ao menos, aqui nesta solidão a que o estudo me obriga, a certeza, a quasi convicção de que te hajas tidô com a correcção que promettias nas nossas conversas n'aquelle banco do jardim, á noite, enquanto todos iam aos cinemas. Como tenho sau-

dades de ti, dos teus carinhos, das tuas palavras, do teu amor...»

E dizer que Mlle. fez ruir este castello tão lindamente edificado sob a copa ramalhuda das arvores do jardim. O moço advogado deve ter dito cousas muito bonitas á Mlle. para que se podesse esquecer de tão grande amôr.

* *

Mlle. que é mesmo um mimo de graça e de formosura, morena, olhos negros e brilhantes como pedras preciosas, tem a gulosa mania dos sorvetes. Toda a gulodice universal, para Mlle., está congregada na frescura doce do sorvete.

Um dia desses Mlle. começou a pensar em morrer tuberculosa. Tinha muita tosse, fraqueza e, além de tudo estava de briga com o seu «flirt», razão bastante para uma certa dose de romantismo estar mimando o espirito susceptibilissimo de Mlle.

Pensou, então, resolutamente, num sorvete em jejum. Era a tísica certa; a morte infallivel... Deitou-se chorando, muito triste, inconsolavel. Accordou, abatida, disposta ao suicidio frio pelo sorvete. Olhou a rua. Uma garoa fina pulverisava o ar. E Mlle. não se quiz constipar, adiou o suicidio.



Photographia tirada por ocasião da festa do grupo Silveira de Souza

Regimento de Segurança

Ante-hontem passou o 81.^o anniversario da criação da força publica estadual.

Em homenagem a essa data o quartel do Regimento de Segurança illuminou a sua fachada, tendo a respectiva banda de musica feito retreta das 15 ás 17 horas.

Ao distinto commandante e digna officialidade do Regimento *O Olho* apresenta as suas felicitações.

Tem estado ligeiramente enfermo o nosso apreciado collaborador Altino Flores, a quem desejamos prompto restabelecimento.

Agulhas e alfinetes

Os gatunos penetraram na casa commercial do sr. C. Garofallis, e sendo presentidos pela policia, fugiram.

(D'O Estado)

A' casa do Garofallis

Os gatunos visitaram
Mas com tanta infelicidade
Que nada de lá tiraram

Nada pingou, nada, nada,
Inutil foi o trabalho...
Inda por cima a policia
appareceu com o chanfalho

Si me fosse permittido
A mim que já sou velho,
Daria d'aqui aos gatunos
Um acertado conselho:

Ao envez de escalar muro
E arrombar porta e janella,
Sejam janotas de frack,
Com flor á lapella.

Sejam de modos mui finos
E escoreitos no falar,
Com predicaos taes e tantos
Podem a contento roubar...

Ao sr. Pedro Raymundo da Silva e á sua exma. esposa levamos as expressões do nosso pezar pelo fallecimento de sua galante filhinha Celina.

---Papá, os crocodilos podem supportar o nosso clima?

---Sem duvida nenhuma, especialmente quando estão embalsamados.

Minha Mãe

Velhinha de cabellos côr dos linhos
Meiga velhinha que no mundo andavas
Pelas urzes e cardos dos caminhos,
& tão sentidas lagrimas choravas...

Tu que nunca magoaste os passarinhos
Tu que as feras sinistras adoravas,
Pois dos teus olhos corriam vinhos
Com os quaes os corações purificavas...

Onde estarás depois que me deixaste,
Depois que os olhos limpidos fechaste
Da morte no amoroso pesadelo?

E' meu desejo que Jesus te dêsse
Toda a caricia que nos Céos floresce,
Todo o flavo esplendor do Sete-Estrello!

JOTA

ARAUJO FIGUEREDO



27 annos na seiva

CAPITULO II

Os Baicarys

No alvorecer do seculo XIX, no lugar denominado Quebó, a 14 leguas da villa do Rosario, a leste e ao mesmo rumo de Cuyabá 32 leguas, havia um engenho de assucar, movidos pelas aguas de um ribeirão que dá o nome ao referido logar.

O dono deste engenho era o capitão-mór Ramos e Costa, por antonomasia---Queixo de Ferro.

No tempo desse proprietario o engenho era para Cuyabá um estabelecimento de primeira ordem.

Fazia importantes transacções com as praças do Pará e Rio de Janeiro.

Tive occasião de lêr facturas antigas que montavam à cifra de quarenta a sessenta contos de reis.

O mesmo capitão-mór possuia tambem a 5 leguas distantes da margem esquerda do Rio Novo, uma fazenda de criar, medindo 21 leguas em sesmarias.

Este estabelecimento pastoril era dirigido ha muitos annos por um grupo de homens de confiança do proprietario.

Até certo tempo não fôra visto nestas paragens vestigio algum de selvagem.

N'uma manhã, porém, depois de longos annos de moradia nesses logares remotos, foram ouvidos gritos agudos a pouca distancia, em uma varzea que se perdia de vista, á frente da fazenda.

Os peões lançam mão immediatamente das armas e, sahindo á rua, vêm um grupo de selvagens, que se approxima, ora batendo palmas, ora fazendo acenos.

Tão inesperada visita, feita por gente completamente desconhecida, torna perplexos os peões, mas vendo estes que os selvagens avançam desarmados, com demonstraões de alegria, deixam-nos approximar.

Dissimulando o terror que os selvagens tinham causado os peões recebem-nos prasenteiros.

Por meio da mimica se fazem comprehender.

Dois dias ficaram os indigenas na fazenda e tendo inspirado confiança aos moradores desta--foram convidados a fazer um passeio ao engenho do Quebó, distante 8 leguas, pois desejavam apresental-os ao capitão-mór.

Annuindo ao convite para lá seguiram dois

peões em companhia dos seus desconhecidos visitantes que eram em numero de vinte.

O capitão-mór era um ancião de caracter severo, porém muito humanitario. Recetendo-os com urbano tracto, agasalhóu-os com satisfação. Os indigenas fizeram seus brindes ao capitão-mór, retribuindo-lhes este com roupas, objectos de uso domestico, instrumentos de lavoura, etc.

Tres dias depois os selvagens deixaram o engenho, contentes com o que levavam e pr metten-do que voltariam.

Nessa visita um dos selvagens recebeu um calça e uma camisa, objectos que 40 annos depois me foram apresentados em perfeito estado de conservação, o que se explica, porque o «baicary» vivia em completa nudez.

Por algum tempo frequentaram a fazenda, aprendendo muitos vocabulos da lingua portugueza e munindo-se de objectos de ferro, uteis á lavoura, á caça e á pesca.

A morte, porém, do capitão-mór cortou as relações amistosas com os selvicolas, porque seu irascivel sobrinho, conhecido por tenente José, succedendo-o, não só afugentou todo o pessoal que trabalhava no engenho e na fazenda, como os indios que procuraram para sempre as mattas.

Este homem, que arrastou uma existencia amarga, pela sua consciencia accusadora de faltas graves, terminou seus dias baldos de recursos, entre as quatro paredes de uma sala, tendo apenas por companhia um unico servo que, por caridade, deu-lhe rasa sepultura, junto a uma arvore secular.

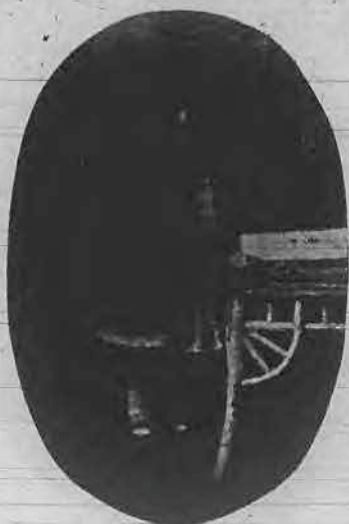
Annos depois---fazenda e engenho---eram um montão de ruinas e habitação de fêias.

Do pátriotico Tiro 40 recebemos gentil convite para assistirmos ao raid militar individual que se realisa a 13 do corrente em commemoração à gloriosa data da Lei Aurea.

Gratos pelo convite nos faremos representar.

Da distincta educacionista contrerranea d. Beatriz de Souza Brito, recebemos attencioso officio nos communicando ter assumido a direcção interina do Grupo Escolar Lauro Muller.

Agradecendo a gentileza da communicação O OLHO faz votos para que a sua direcção seja, como é de esperar dos seus credits de professora zelosa e competente, proveitosa ao importante estabelecimento de ensino.



Jandyra

Gentis filhinhass do nosso Director Sr. Edmundo Silveira.



Marina

Centro Civico-Litterario

Felizmente, graças aos esforços de um grupo de briosos moços conterraneos, Florianopolis já está dotada de uma sociedade onde a mocidade patricia pôde aprimorar suas faculdades artisticas e moraes. O publico, saindo do tradicional indifferentismo pelas causas boas, não tem negaceado applausos à novel sociedade. O Centro já possui o elevado numero de 400 socios, contando com o provavel e justo apoio do Governo do Estado. Nos principios de Junho vindouro, na sêde do Centro, começarão a funcio-nar as seguintes aulas:---Historia Universal, Dr. Tancredo Costa; Historia Catharinense, capitão-tenente Dr. Lucas Boiteux; Mathematicas, Dr. Waldemiro Salles; Escripção Mercantile e Contabilidade, sr. Mario Biernfeld, contador do Banco do Commercio de Porto-Alegre; Portuguez e Litteratura, sr. Barreiros Filho, elegante prosador e poeta; Educação civica e Geographia, professor Oréstez Guimarães, reformador da instrucção publica no Estado.

Estamos informados que, muito breve, será inaugurado o curso de linguas, contando o Centro com professores reconhecidamente competentes.

As matriculas para as aulas acima estão a cargo dos srs. Barreiros Filho, Haroldo Callado, Alberto Barbosa e Laercio Caldeira.

E' idéa da Directoria do Centro a fundação dum curso preliminar, seguindo o programma dos Grupos Escolares, aparelhado de modo a concorrer a exposiçào annual de trabalhos escolares.

Aos moços do Centro «O Olho» apresenta calorosas felicitações.

(D'O Catharinense)

O OLHO

Recebemos o primeiro numero do semanario illustrado, que se edita em Florianopolis, intitulado O Olho do qual são directores Edmundo Silveira e Dario Gouvêa.

É um arevista elegante, leve, «saltitante de verve ornada de lindas e encantadoras gravuras e repleta de fina e primorada litteratura em prosa e verso dos festejados belletristas patricios João Crespo, Alberto de Medeiros, Bareiros Filho e outros escriptores.

Agradecendo á distincta redacção da nova e brilhante collega a gentileza da visita, fazemos os mais calorosos votos para que se firme no conceito publico e tenha um bello e aureo futuro.

Arrendatarios da Empresa Água e Luz de Florianópolis



Dr. Edward Simonds



Dr. John Williamson

OS DIAS QUE PASSAM...

Eva Urubú? Porque?

E a nossa curiosidade infantil não encontrava solução. Ficávamos a olhar a Eva, o bahú, os doces e a nos interrogar: Porque *Eva Urubú*?

E sempre que enfiados, tostão no bolso, vínhamos da Praia de Fora às festas da cidade ou sentíamos orgulhosos quando S. Sebastião saía às ruas, encontrávamos a Eva, naquella passo *malandro* de Urubú. E não comprehendíamos, intrigados, o *Urubú* que davam á Eva! Como a infancia não é maldosa!

Eva Urubú... Pessoa necessaria, complementar em todas as festas de Igreja. Proissão que saía ou entre sem que nas escadas do templo a Eva não estete a garantir o nosso doce vicio do assucar e a representar as tradições das boas quitadeiras, é proissão com falha, incompleta, interminada.

Eva Urubú... Vimol-a hontem, pela manhã, no mercado; jururú, sentada ao pé dos doces enfileirados, sobrepostos no bahú. Encontramol-a à noite, na escada da Cathedral a vender amendoim, lanterna accesa, novamente jururú, envolta num chale a resmungar cousas...

Veiu-nos então a saudade do tempo de menino quando saudávamos *Eva Urubú* com um vintem na mão e a bocca cheia d'agua... Veiu-nos tambem a vontade de vel-a homenageada nos dias que passam,

como a decana das doceiras, a quitadeira-vovó, a boa Eva dos doces bons, sempre a mesma no passo *malandro* da ave que lhe deu alcunha.

Eva Urubú quantas recordações despertas?...

Um pouco de tudo

Os momentos passados esperando a felicidade são superiores em gozo aos que ella mesma nos dá quando chega.

O correio da China é o mais barato do mundo.

A mulher mais rica do mundo é Mrs Hetty Green, de Nova York. O seu capital sobe a cem mil contos de reis.

Sê breve, fala só o preciso; quanto mais disseres menos se ficam lembrando os ouvintes.

Os ovos dos mosquitos gastam, de quatro a sete dias, a abrir conforme a temperatura.

A Russia é o paiz do mundo que produz maior quantidade de petroleo.



A policia em acção



A' caça de ladrões de gallinhas

Triolet

Nas horas de desalento
da minha tristonha vida
dedilha a lyra querida
nas horas de desalento.
Então canto minhas maguas,
tendo os olhos rasos d'agua,
nas horas de desalento.
da minha tristonha vida!

Leeio

Triolet

No vigor da primavera,
ouvindo o cantar das aves,
passar as horas quem dera
no vigor da primavera.
Como seriam suaves
as horas assim gozadas
no vigor da primavera
ouvindo o cantar das aves!

Lecio



O primeiro milagre de Jesus

(Original Esperanto de Felicien de Mênil)

QUANDO eu era criança, costumava uma velha lavadeira ir todas as semanas à casa de minha avó.

Havia longos annos que tinha sahido de sua provincia bretã e, por um desses acasos inexplicaveis, tinha vindo residir na minha cidade natal.

Era viuva de um marinhêiro e recebia dos cofres da municipalidade uma pequena pensão, graças a qual pagava todos os m zes as suas dividas, pois era honesta, e depois bebia o resto porque não desgostava de se embriagar um pouco.

Quando não tinha mais nem uma moeda de vintem no bolso, fazia-se lavadeira. E tão acedamente lavava roupas brancas e delicadas linhagens e tão diligente era que, apesar do seu vicio, todo o mundo queria os seus serviços.

Eu gostava muito della, apesar do seu nariz vermelho, dos olhos sujos e das mãos sempre tremulas. Gostava della, porque contava historias muito bonitas, com voz commovida e convencida, que me fazia acreditar que na verdade os factos tinham acontecido.

Emquanto ao mais, os seus conhecimentos historicos e geographicos eram extraordinarios e bizarros. Confundia os paizes, as epochas, os personagens, e por isso mesmo suas lendas era impregnadas de um perfume todo especial, cheias de ingenuidade e phantasia.

Mas, naquelle tempo, tinham todo o encanto para mim.

Uma de suas mais admiraveis historias era o «primeiro milagre de Jesus», conto do Natal, inventado não se sabe por qual ingenuo.

Esse conto causava-me muita admiracão, tanto mais que cada nova edição ella embellezava-a com detalhes ineditos alguns dos quaes vou esforçar-me por encontrar ainda em minha memoria enriquecida para contar-vos se for possível.

Eis aqui a lenda

Por uma tarde invernosa, ao a noitecer — dizia a velha lavadeira — chegou a Belem, pequeno porto maritimo da Bretanha um casal de viajantes. A mulher vinha montada n um jumento magro que um homem de barba branca conduzia pelo cabresto, tendo na outra mão um grande lyrio branco.

Entanto anoitecera. A tempestade rugia e sobre o mar inquieto os mastros

das embarcações desenhavam gestos largos e phantasticos. A neve caia em grandes flocos de arminho e pelos caminhos nevados vagavam os noiros viajantes, desorientados no néscio da noite tempestuosa, que confundia nas trevas o mysterio do céu e o leiter da terra.

Bateram humildemente a tocas as portas e deshumanamente eram repellidos e expulsos. As mulheres principalmente eram as mais cruéis.

— Eu sou viuva, dizia uma, recio de dar pousada a vagabundos.

— Eu não tenho commodos, dizia outra, para viajantes sem dinheiro.

— Meu marido, dizia a terceira, está no mar pescando sardinhas e certamente bater-me-ha sabendo que cer foy cegagem em sua ausencia.

E assim por diante.

Algumas vezes riam a bandeias despregadas, dos seus miseros semblantes, caçoavam da magra alimaria, insultavam-nos acremente a porta das tavernas, onde ebrios de vinho, marinhêiros impios e immoras cantavam canções bacchicas.

Os dois extenuados viajantes seguiram resignadamente o seu triste caminho. No fim da unica rua, de que se compunha a aldeia, um habitante, que apparentava ser mais compassivo, disse o homem:

— Não gosto de vagabundos, porem como tua mulher anda de esperanças, não tenho coragem de mandar-te embora. Ves aquella estrebaria, lá ao longe na campina?

Pois bem, vai ate lá. Acharas palha para o teu burro e uma velha que, certamente, vai te ajudar quando o menino nascer.

Agradeceram sinceramente ao homem que, disfarçadamente, ria-se com gracejo porque a velha que devia ajudal-os era completamente paralytica, cega, surda, aleijada, muda, faltando-lhe alem disso os dois braços.

Maria e Jose (assim e que os dois esposos se chamavam) entraram no estabulo; e, vendo a velha paralytica, ficaram tristes reconhecendo a perversidade daquelle mau homem: mas confiados em Deus não desesperaram e cuidaram da dormida para a noite.

Vendo a palha, o jumento, que vinha esfaimado, dirigiu-se prompto e lesto para comel-a, porém subitamente um boi amarello tostado, que dormitava a um canto da estrebaria, pronunciou as seguintes palavras (porque naquelle tempo os animaes tinham a faculdade de falar durante a noite do Natal):

— Não comas o berço do menino que vai nascer e Deus dará palha mais fresca e muito cevada.

E o jumento abannado as orelhas, replicou: — Sim tens razão, não devo comer.

E assim fez.

Em silencio, estavam todos sentados e, ao estrondo da tempestade, ouviam muito

ao longe os canticos bacchicos enchendo a amplidão.

Embreve as doze badaladas da meia noite echoavam do sino da aldeia, e a Santa Virgem dava a luz ao menino Jesus.

Com todo o cuidado, mas sem geito alguma, Jose tomou o menino nos braços.

Maria, vendo o esforço inutil do esposo, disse a triste aleijada:

— Levanta-te, velha, e cuida de meu filho.

— E o menino Jesus estendia os braços para a velha.

De subito, a paralytica levantou-se e aproximou-se com tibios passos do menino.

Vê como meu filho é bonito!

Immediatamente, abrindo os olhos, ate então completamente sem vista, a velha cega viu Jesus sorrindo para ella e: então, por sua vez tornou com doçura.

Mas uma geada horrorosa penetrava através das lendas do deteriorado estabulo e Jesus chorava do frio que fazia.

— Não ouves, disse a Virgem, meu filho chorar?

E a surda, com um movimento de cabeça mostrou que ouvia, e chorou também.

— Agora toma-o em teus braços e acalenta-o, porque meu marido não tem geito nenhum e eu estou tão cansada.

Jesus moveu os tenros bracinhos para a velhinha, e logo dos hombros desta cresceram braços saos e fortes.

Tomou o menino delicadamente embalou-o em seus braços.

Mas Jesus chorava sempre com o frio da geada.

— Canta, disse a Virgem, qualquer modinha e acalenta-o, para que adormeça.

E a velha, recuperando a perdida voz, cantou uma bella melodia, que se casava com as vozes dos anjos entoando no céu: «Gloria in excelsis Deo», — cujos compassos eram marcados pelas queixadas do jumento e do boi moendo a fresca aveia com que Deus o presenteara.

E Jesus adormeceu.

Os dois animaes, já saciados, aqueceram com o quente arfar do seu respirar o menino deitado na mangedoura.

Eis a lenda do primeiro milagre de Jesus, que contava na minha minicue a velha lavadeira de minha avó. Desculpai-me caros leitores, tel-a referido tão inspidamente.

Jaguaria Macedo

Festejou em 5 do corrente o seu anniversario natalicio a exma. sra. d. Erothides Costa Muller, digna esposa do sr. Graciliano Muller, escripturario do Thesouro Nacional.

Parabens.